

PARÓDIA, SÁTIRA E A PRESENÇA DO ÁLCOOL EM *MADAME POMMERY*

Rodrigo Donizeti MINGOTTI¹

RESUMO: Este artigo objetiva investigar o romance *Madame Pommery* (1920), de Hilário Tácito, de modo a elucidar suas particularidades referentes à paródia e à sátira, relacionando-o a *L'Assommoir* (1877), romance de Émile Zola, com o qual é possível observar confluências na temática do alcoolismo e das consequências geradas por ele. Estabeleceu-se, portanto, um trabalho comparativo a fim de identificar como a presença do álcool afeta os personagens das obras, positiva ou negativamente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Émile Zola; Hilário Tácito; Alcoolismo; Paródia.

O alcoolismo é um tema que foi muito debatido e tratado em obras representantes do Naturalismo, principalmente as de origem francesa. De fato, abordar esse tema propicia trabalhar com personagens que são levados à degradação e a outras taras, como a luxúria. Nesse sentido, abordamos aqui dois escritos que apresentam essas características particulares da temática do alcoolismo, acrescentado ao viés naturalista.

Entretanto, de início, cabe ressaltar que as obras aqui trabalhadas são de escritores, épocas e contextos (históricos, sociais e literários) distintos: tratamos de *L'Assommoir*, publicado ainda no século XIX, do renomado escritor naturalista francês Émile Zola, e de *Madame Pommery*, redigido por Hilário Tácito, autor brasileiro, publicado já no início do século XX, próximo à Semana de Arte Moderna (1922).

A respeito dos romances, *L'Assommoir* (1877) narra a história de Gervaise Macquart (1829-1869), descendente de Adelaïde Fouque, neurótica, e de Antoine Macquart, alcoólatra. É um dos

¹ Licenciado em Letras e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Orientação: Prof^ª Dr^ª Norma Wimmer. E-mail: rodrigodmingotti@gmail.com.

romances que compõem a saga *Les Rougon-Macquart: Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire*, série de vinte obras publicadas entre 1871 e 1893, na qual Émile Zola dedicou-se ao estudo das consequências do momento histórico, da hereditariedade e do meio sobre os descendentes de uma mesma família, que viveu no final do século XIX.

Nesse projeto, Zola buscou analisar comportamentos típicos da raça humana, tomando como pilares fundamentais a fisiologia e a respectiva questão da hereditariedade genética, que acarreta nas condutas e nos atos dos personagens da saga, e a sociologia, envolvendo a questão histórico-social, responsável pela situação dos personagens, além de suas ambições e conflitos.

Dessa forma, ao conhecermos a família Rougon-Macquart somos levados por Zola a reconhecer que um grupo de descendentes, em um primeiro momento, possui suas diferenças. Entretanto, eles se mostram muito parecidos uns com os outros no que diz respeito às condutas e fraquezas.

A protagonista de *L'Assommoir*, Gervaise, em decorrência do meio em que vive e do determinismo genético, herdou a tara do alcoolismo, o que acaba trazendo consequências devastadoras e degradantes em sua vida, levando-a da grandeza à decadência.

Tudo se inicia quando seu marido, Coupeau, sofre um acidente durante o trabalho e, impossibilitado de exercer temporariamente seu ofício, toma gosto pela preguiça, pelo vinho e mais tarde pelo licor barato. Enquanto isso, Gervaise trabalha insistentemente em seu negócio, uma lavanderia, fruto de seu sonho e investimento.

Para arrematar os infortúnios, Lantier, com quem Gervaise tivera dois filhos no passado e que a abandonara, retorna e é acolhido por Coupeau. Assim, a vida da lavadeira vai se deteriorando, o que a leva ao fracasso, endividamento e mais tarde à preguiça e ao alcoolismo, também por efeito de sua herança genética.

O caos e a violência gerados pelo alcoolismo tomam conta da casa, fazendo com que a filha do casal, Nana, já em desordem, não

MINGOTTI, R. D.

suporte a vida ali e se torne prostituta. Os vícios fazem com que os pais de Nana se afundem em dívidas e na fome, tendo como consequência, mais tarde, a morte. Assim, a presença do álcool em *L'Assommoir* gera impactos negativos para os personagens que se envolvem direta ou indiretamente com o líquido.

Já *Madame Pommery*, publicado pela primeira vez em 1920 pela *Revista do Brasil*, sob os cuidados de Monteiro Lobato, trata-se do único romance apresentado pelo autor Hilário Tácito, pseudônimo do engenheiro e escritor José Maria de Toledo Malta, natural da cidade de Araraquara, interior de São Paulo. Seu título chama a atenção de imediato por recordar a obra *Madame Bovary* (1857), do escritor francês Gustave Flaubert. No entanto, a história narrada não faz menção alguma ao texto francês.

Esse romance narra a história de vida de Ida Pommerikovski, de cognome Madame Pommery², uma cafetina de luxo que sai da Europa fugindo de seu pai e, em busca de melhores condições de vida, chega a São Paulo, tendo como referência os costumes franceses da época, muito luxuosos e tentadores para o povo dos trópicos:

Na história do progresso de São Paulo distingo três fases a partir da chegada de Mme. Pommery, assinaladas por três passos do mundanismo na sua tendência civilizadora de estreitar, quanto possível, a zona neutra que o extrema de todo comércio ilícito com o santuário familiar: fase primitiva, ou dos cafés-concertos; fase intermediária, ou do Bar do Municipal; fase contemporânea, atual ou do cinematógrafo. (TÁCITO, 1997, p. 117).

Com a história de Madame Pommery, vemos o afrancesamento de seu estabelecimento, o *Paradis Retrouvé - Pensão de luxo para artistas*, que na realidade era um bordel de luxo para os coronéis e homens da alta sociedade da época. Dentre os homens que tornaram possível o funcionamento do *Paradis Retrouvé*, destaca-se a figura do Coronel João Batista Pinto Gouveia, o qual,

² Segundo o narrador, trata-se de uma alcunha devido à preferência pelo champanhe da marca *Pommery*.

gozando da companhia de Pommery, emprestou dinheiro a ela para o investimento no estabelecimento.

No romance, é possível observar o falso moralismo e o conservadorismo dos clientes do *Paradis*, bem como a modernização da cidade de São Paulo, que constituem o tema do romance de Hilário Tácito. Segundo Lima Barreto, *Madame Pommery* não se insere na tradição literária que o antecede e nem se filia, conscientemente, a nenhum modelo literário: “O livro do sr. Hilário Tácito [...] é rico e sem modelo; e, apesar da intemperança de citações, de uma certa falta de coordenação, empolga e faz pensar” (BARRETO, 2017, p. 209).

Entretanto, a nosso ver e como defende Zelia Cardoso (1983), a obra de Tácito pode ser considerada uma paródia ao tradicional romance de costumes. Afinal, nele encontramos cenas explícitas do cotidiano paulistano do século XX, com a presença dos grandes coronéis e senhores do café acompanhando o progresso e o crescimento da cidade de São Paulo, impulsionados pelas bebidas, bailes e libertinagem promovidos nos salões, assim como no de *Madame Pommery*:

O romance [...] faz reviver a época tranquila de uma São Paulo às vésperas de transformar-se num grande centro industrial; relembra a alegria dos bares, onde se bebia chope gelado; recorda a sensualidade dos maxixes; descreve o relacionamento de “patos” e prostitutas. (CARDOSO, 1983, p. 33).

Também são evidentes, no romance, títulos de obras e, principalmente, alusões literárias, filosóficas, científicas e historiográficas, notoriamente de origem francesa. Surgem nomes como Voltaire, Taine e Sainte-Beuve, que reafirmam o aspecto paródico do romance, como será posteriormente explicitado. Dentre as alusões feitas na obra, figura aquela que nos levou à proposta deste trabalho, a citação de Émile Zola:

Bonne Chance (Sorte Boa, e nome do cargueiro) [...] descarregou quinze pipas de vinho de Bordeaux, sardinhas, bacalhau, **dois mil**

volumes de Zola, sebo, quarenta caixas de champanha - e Mme. Pommery. (TÁCITO, 1997, p. 61, grifo nosso).

Além disso, várias outras alusões são feitas à cultura e aos modos franceses da época que estavam em voga na cidade de São Paulo, como o surgimento dos *cabarets* e tabernas, como também a grande quantidade de palavras e expressões de origem francesa, que nos serviram de apoio para a comparação entre a obra brasileira e a de Zola.

Paródia e sátira de Hilário Tácito

Para se entender a abordagem comparativa entre o texto de Zola e o de Hilário Tácito, faz-se necessário apontar algumas reflexões sobre a paródia e a sátira, primordiais no enredo de *Madame Pommery*.

Como ressalva Sant'Anna (1998), a paródia é um efeito de linguagem que esteve (e está) mais presente nas obras contemporâneas, devido à sua relação com os movimentos modernos de renovação, o que “testemunha que a arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos” (SANT'ANNA, 1998, p. 7). É importante saber que esse efeito não é característico apenas da era moderna, pois já era utilizado na antiguidade. Entretanto, sua presença excessiva em textos, a partir do século XX, demonstra os objetivos principais dos escritores dessa época em utilizá-la como uma forma de crítica a costumes ou padrões sociais.

De um modo geral, a paródia é uma forma de linguagem que se utiliza de uma produção já existente para constituir uma nova, atrelada, habitualmente, à intertextualidade e ao cômico. Sobre os conceitos de paródia nos interessa ainda o que postularam os formalistas russos. Bakhtin (1928 apud SANT'ANNA, 1998, p. 14) reiterou a possibilidade de um autor “parodiar o estilo de um outro

em direções diversas, aí introduzindo acentos novos”. Enquanto que Tynianov realçou que

A estilização está próxima da paródia. Uma e outra vivem de uma vida dupla: além da obra há um segundo plano estilizado ou parodiado. Mas, na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia (não importa se exagerando o trágico ou substituindo cada um de seus elementos pelo cômico); a paródia de uma comédia pode ser uma tragédia. (TYNIANOV, 1919 apud SANT’ANNA, 1998, p. 13-14).

Dessa forma, podemos situar *Madame Pommery* no âmbito da paródia devido ao seu tom crítico feito de uma forma bem-humorada, características típicas desse efeito de linguagem, e em decorrência da temática do álcool semelhante a *L’Assommoir*.

Se nos orientarmos pelas reflexões de Tynianov, situamos o romance de Hilário Tácito como uma obra de cunho cômico que realiza uma paródia do texto de Zola, fazendo da tragédia uma comédia. E, ao analisarmos esse texto sob o olhar de Bakhtin, podemos constatar que *Madame Pommery* faz uma alusão a *L’Assommoir* em âmbitos, contextos e caminhos diferentes, pois o álcool não é caracterizado como funesto e responsável por levar o homem em derrocada, mas como um propulsor social, diferentemente do que ocorre no romance de Zola.

Essas constatações poderão ser melhor entendidas e exemplificadas mais à frente, mediante outras averiguações que permeiam os trabalhos dos autores aqui analisados. Por enquanto, elas nos serviram para conceituar e situar o texto de Tácito no efeito paródico.

Assim, sabendo que a sátira é parte integrante da paródia, ou seja, diz respeito à crítica de costumes ou de pessoas no meio social, um dos pontos mais marcantes no enredo de *Madame Pommery* é o cômico, provocado propriamente por esse efeito de linguagem.

No Brasil, a sátira encontrou um campo rico para se manifestar, diante das adversidades constantes, herdadas dos colonizadores, na terra dos trópicos. Gregório de Matos com toda

MINGOTTI, R. D.

sua acidez e Tomás Antônio Gonzaga com as *Cartas chilenas* são grandes representantes dessa construção literária que se caracteriza pela crítica.

E pouco antes da Semana de 22, mais um exemplar da sátira brasileira surge com a obra *Madame Pommery*. O indício desse tom satírico já é indicado logo no pseudônimo do autor: *Hilário* representa o cômico, incita o riso, “alegre, contente” (HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2009, p. 1022); *Tácito*, por outro lado, diz respeito ao pressuposto, “que não é preciso dizer por estar implícito ou subentendido” (HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2009, p. 1802). Segundo Sylvia Helena,

A ambiguidade que atravessa toda a narrativa já se observa no nome da persona - “Tácito, porque aquilo é história, e Hilário porque é história alegre” (Lobato, 1959a, t.2, p. 215) - e instaura a tensão entre o registro histórico e a fantasia, entre o “sério” e o cômico, presente na composição do texto. (LEITE, 1996, p. 184).

Adotando seu pseudônimo, o autor adverte o leitor do que está por vir em seu texto: a sátira da vida paulistana das primeiras décadas do século XX, “revelando as transformações vertiginosas ocorridas na paisagem e nos costumes da cidade de São Paulo” (FERREIRA, 2006, p. 18). Desse modo, a crítica aos costumes desenvolvida na obra se faz em conformidade com o crescimento e progresso da cidade:

A chegada de Madame Pommery a São Paulo se dá no momento em que essa cidade começará a acelerar seus passos rumo ao processo de urbanização e industrialização, ocorrido no início do século XX. (FERREIRA, 2006, p. 21).

Hilário Tácito, de forma bem articulada, torna visíveis as condutas dos paulistanos, o modo estrangeiro de viver, dando enfoque para a vida noturna e dos negócios. A prostituição entra em cena e recebe grande destaque, colocando-se à vista, então, a *belle époque* paulista do início da modernidade de São Paulo, com a prostituição de luxo, onde surgiram figuras como, segundo

Margareth Rago (1991), *Madame Sanchez*, cafetina em que Hilário teria se inspirado para a composição do perfil de Pommery. Madame Sanchez, de acordo com documentos do início dos anos 20, “fora uma meretriz da baixa prostituição, que enriquecera ‘explorando coronéis e vendendo champagne’. Tornara-se proprietária de inúmeros prédios da avenida São João” (RAGO, 1991, p. 170 apud LEITE, 1996, p. 192).

Um outro traço da *belle époque* marcante na obra de Tácito é o fato de Pommery não se envolver diretamente com os frequentadores de seu bordel, exceto com seus amantes, o que garante o papel “peculiar à cafetina no cenário da *belle époque* paulista [...] que não vivencia diretamente, mas promove a prostituição de alto luxo, atenta e solícita à demanda do mercado” (LEITE, 1996, p. 193).

A libertinagem, na obra, é retratada como hábito da sociedade paulistana da época, na qual as prostitutas, que com o tempo se tornam acompanhantes de luxo, transformam-se em mulheres com elevado prestígio social. E isso ocorre, principalmente, devido à presença do álcool em meio aos salões onde se dançava o maxixe, locais em que os coronéis e barões se deixavam seduzir pelas prostitutas e acabavam apaixonando-se por elas e as tornando mulheres da elite.

No romance moderno de Hilário Tácito, a mulher se regenera através de sua atitude calculista e de conveniência em seduzir os grandes coronéis. Dessa forma, a libertinagem, associada à tentação e ao consumo de álcool, é o caminho para a ascensão social, algo que o autor satiriza em *Madame Pommery*. Essa construção satírica se dá pelo fato da cafetina enriquecer com a prostituição, um valor julgado como socialmente imoral.

Também, previamente, o próprio narrador inicia a satirização ao afirmar nas primeiras páginas que seu texto é uma “CRÔNICA MUITO VERÍDICA E MEMÓRIA FILOSÓFICA DE SUA VIDA” (TÁCITO, 1997, p. 31) e que são narrados

MINGOTTI, R. D.

FEITOS E GESTOS MAIS NOTÁVEIS NESTA CIDADE DE SÃO PAULO

[...]

baseada em documentos inéditos, memórias próprias e no testemunho respeitável de várias pessoas abalizadas que mais se avantajaram no seu trato e intimidade;

obra necessária ao perfeito entendimento de muitos fatos particulares, assim políticos como sociais, que resultariam, sem ela, de impenetrável obscuridade para o futuro historiador; e, por isso,

dedicada ao Instituto Histórico e Geográfico [...].

(TÁCITO, 1997, p. 31, grifos nossos)

Ele tenta reivindicar o real na história de Madame Pommery confirmando suas descrições e afirmações, mas “quanto mais insistentemente o narrador proclama estar narrando uma ‘história verdadeira’, mais nitidamente se afigura a natureza irônica dessa proclamação” (FERREIRA, 2006, p. 38). A obra é dedicada ao Instituto Histórico e Geográfico e, segundo o narrador, é necessária para o entendimento social da época por parte do historiador, o que acentua mais uma vez a afirmação do narrador em tratar-se de uma obra de cunho verídico, com traços da realidade.

Além disso, Hilário Tácito nega, utilizando-se da ironia, que sua obra seja um romance, mas sim, uma crônica:

Enquanto que desta maneira desusada e admirável preciso estar clamando a cada passo que isto não é um romance! E por que havia de ser romance e não verdade?

- Se fosse verdade tinha datas (objetam-me os sisudos); acompanhava as datas. Pois, onde já se viu crônica sem datas? (TÁCITO, 1997, p. 70).

Segundo Sandra Ferreira (2006), o autor emprega o termo crônica como era utilizado até o século XIX: um relato histórico, “pretendendo inscrever-se numa fecunda tradição, da qual nasce a moderna historiografia e na qual se destacam a *Crônica de Portugal* [...] e as *Grandes Crônicas de França* ou *Crônicas de Saint-Denis*” (FERREIRA, 2006, p. 32).

O narrador de *Madame Pommery* afirma ainda que, por não ser romance, é uma história real, visto que

Mme. Pommery vive e respira, tão real e efetivamente como eu, que escrevo, e o leitor, que me lê, apenas com muito mais apetite e fôlego.

[...]

Pois se Mme. Pommery existe em carne e osso, já não me é lícito largá-la sem mais preâmbulos nas plagas paulistanas, começando a narrativa à maneira dos romances. (TÁCITO, 1997, p. 49).

Essa insistência no comprometimento com o real permeia todo o livro. Também, no início, o narrador traz um dado biográfico sobre ele: “COMPOSTA POR HILÁRIO TÁCITO (*Natural da Botocúndia*) em 1919” (TÁCITO, 1997, p. 31). Ao informar sua naturalidade, ele tenta reforçar que sua existência e os fatos ali narrados são verídicos. Tal ocorrência leva Hilário Tácito a construir uma persona satírica que narra os fatos do romance e que também participa ativamente em um plano tão marcante como o da protagonista. Assim, “Hilário Tácito compõe um perfil indefinido, fluido, num verdadeiro diálogo de sombras, que admite a leitura desta ‘crônica verídica’ como uma *metassátira*” (LEITE, 1996, p. 216).

O mais interessante nessa afirmação fornecida por Tácito é o fato de ele se autoafirmar “natural da Botocúndia”, um local inexistente. Isso parece ocorrer devido ao intuito do autor em sustentar sua nacionalidade e em querer mostrar-se brasileiro. A palavra “Botocúndia” faz referência ao amigo do autor de *Madame Pommery*, Monteiro Lobato (1882-1948), responsável também pela primeira publicação do romance que aborda a história de Ida Pommerikovski. Lobato teria apelidado o Brasil de Botocúndia, buscando manifestar um caráter mais nacional, principalmente para os editais brasileiros, utilizando um nome constituído de fonemas tipicamente nativos.

Lobato, a respeito de Hilário Tácito, afirma por ocasião da publicação de *Madame Pommery*: “Estão a sair *Sem crime*, de Papi Júnior [...]; *Madame Pommery*, uma obra prima de sátira bordelenga,

MINGOTTI, R. D.

do Toledo Malta ou 'Hilário Tácito'." (LOBATO, 1920 apud, AZEVEDO *et al.*, 2000, p. 224). Tal declaração elucida as asserções feitas anteriormente sobre o pseudônimo do autor paulista, e também reforça a ideia de que sua obra apresenta uma história cômica de acontecimentos da cidade de São Paulo, do início do século XX, notada dos costumes luxuosos e de voluptuosidade.

A presença do álcool e as relações entre *Madame Pommery* e *L'Assommoir*

O principal instrumento utilizado por Hilário Tácito para a composição de seu enredo, de cunho paródico e satírico, é o consumo de álcool pelos seus personagens, como analogamente ocorre em *L'Assommoir*, cuja trama é caracterizada por personagens que se envolvem, direta ou indiretamente, com a bebida.

Notoriamente, o álcool tem um papel fundamental nos dois textos aqui analisados. Entretanto, a influência dessa substância etílica se faz de modo diferente em cada obra, ocasionando, obviamente, consequências distintas para os personagens.

Enquanto em *Madame Pommery* temos a forte presença do champanhe, bebida fina francesa consumida por coronéis, médicos e outros representantes da elite da década de 20, em *L'Assommoir* temos a influência da aguardente e do licor barato, consumidos com obstinação, em decorrência da tara do alcoolismo dos descendentes de Macquart e do meio histórico-social. Isto posto, o contraste entre o champanhe requintado e o licor barato se mostra na vida dos personagens que se depararam com essas bebidas, em suas particularidades.

O champanhe de que Madame Pommery dispõe em seu bordel (da marca *Pommery*) representa sua forma de enriquecer, tendo em vista que sua clientela se atrai pelas bebidas e pelas mulheres, como uma forma de atenção e de status social:

Seja como for, o fato é que Mme. Pommery conseguia deste modo três resultados consideráveis, todos em proveito de sua casa e em honra de seu nome:

- 1º) cortejar hóspedes;
 - 2º) beber sem bebedeira;
 - 3º) influir nas champanhadas.
- (TÁCITO, 1997, p. 101).

Nesse sentido, o personagem que mais se destaca no enredo na relação com o álcool é Filipe Manganha, um cirurgião conhecido, frequentador do *Paradis* e um dos amantes de Pommery. No romance, ele é descrito como um bom fumante de charutos, um consumidor do álcool e entusiasmado defensor da bebida:

Na competência de médico, Manganha participa de uma das passagens nitidamente satíricas mais brilhantes do romance: a defesa do álcool como alimento aperfeiçoador da raça humana, fundamentada em uma tese inédita do médico, “Do alcoolismo, adaptação e seleção na espécie humana”. (FERREIRA, 2006, p. 47).

O médico cumpre o papel caricaturesco de, em lugar da competência da profissão considerar a bebida alcoólica prejudicial à saúde, colocar-se como defensor de seu consumo visando o bem-estar da humanidade:

Não entendo por que a ciência oficial nesta questão do alcoolismo não abre a boca senão para dizer asneiras, sustentando disparates tão grandes como esse da decadência da raça nas famílias dos alcoólatras. (TÁCITO, 1997, p. 106).

É possível notar, nesse e no trecho que se segue, a alusão, feita de forma irônica, ao projeto de Zola em analisar a degradação do homem causada pelo alcoolismo e por questões de herança genética. Desse modo, a sátira de Hilário se faz notória mais uma vez, principalmente nas palavras do médico sobre a relação do álcool com a degeneração da raça humana:

O sol excessivo também já foi acusado de degenerador da raça nos países intertropicais; e, contudo, é o sol a primeira condição da

MINGOTTI, R. D.

vida [...]. É certo que, se trouxerem família, a prole irá degenerando de geração em geração - pelos menos em aparência - porque o tipo desaparece quase por completo. Entretanto, depois de uma longa série de descendências, surge um tipo novo, fixo, resistente à combustão da soalheira, cheio de vigor e dotado de qualidades admiráveis, desconhecidas dos seus antepassados.

[...]

A raça primitiva sofreu pelo excesso de calor; muitos indivíduos adoeceram e sucumbiram; muitas gerações degeneraram. Mas, por fim, houve adaptação de alguns e seleção natural dos melhores, que transmitiram as suas recentes qualidades a uma descendência numerosa.

[...]

O preconceito contra o álcool é da mesma espécie desta opinião, hoje vencida, sobre a insalubridade do sol na zona tórrida. Por isso eu o submeto ao mesmo processo de crítica; e pergunto se, a par desses males tão patentes do alcoolismo, não haverá também alguns benefícios encobertos, de que ao cabo resulte aperfeiçoamento efetivo da raça, em vez dessas transitórias decadências.

(TÁCITO, 1997, p. 107).

Para sustentar a ideologia do Doutor Manganha, Hilário Tácito recheia o discurso do médico com pensamentos “científicos” que dão um caráter mais verdadeiro e tangível à teoria do personagem. Dentre esses fundamentos, destacamos Armand Gautier, fisiologista e higienista francês, que segundo Manganha

já classificou o álcool entre os alimentos, em livros que andam nas mãos dos estudantes. Não será um alimento plástico, ou proteico, ou quaternário, ou azotado, como esses que você mencionou porque os querem comer estas boas raparigas. Mas é um alimento respiratório, ou calorífico, ou energético. Ministra ao corpo o calor, que vem a ser no que se traduz, em última análise, toda a nossa energia, tanto a física, ou material, como a nervosa ou psíquica. Por esse lado, o álcool não só é alimento, sem nenhum favor, mas é ainda mais, como fonte de calor, o primeiro e o mais rico dos alimentos, sem nenhuma comparação. (TÁCITO, 1997, p. 110).

Além de assegurar o caráter factual da tese do médico, ao citar o fisiologista francês, o narrador aproxima o seu texto do romance naturalista, mais uma vez com um tom satírico e paródico, mostrando ideologias controversas sobre o alcoolismo.

Ainda, o Dr. Mangancha apresenta um perfil muito relacionado com a obra naturalista de Zola, ao defender o álcool como fator de “adaptação e seleção na espécie humana”³. Com a declaração do personagem Mangancha, o narrador alude à lei de Seleção Natural defendida pelo cientista britânico Charles Darwin (1809-1882), em seu livro *A Origem das Espécies* (1859), cuja teoria se fez presente em obras do Naturalismo como a de Zola. Assim, dizer que o álcool realiza a adaptação e seleção na espécie humana, é distinguir os homens mais evoluídos e com melhor adaptabilidade dos menos vigorosos, levados a caminhos diferentes em contato com o álcool, “aperfeiçoando a raça”:

Dentre esses bêbados, epiléticos e degenerados, saem monstros e os criminosos natos; mas também saem os gênios e os portentos. Goethe, por exemplo, bebia de cair [...]. Beethoven era um maníaco, filho de um bêbado. (TÁCITO, 1997, p. 113).

Diante disso, a indagação que se faz é: qual seria o homem mais e o menos evoluído em relação à bebida? Após a leitura do romance, pode-se inferir que o homem que resiste ao álcool é aquele que sabe usar a bebida para alcançar níveis sociais elevados, como fez Madame Pommery:

Se Mme. Pommery fosse como tantas deste século plutocrático, que só classificam as pessoas pelo dinheiro que representam, podia cantar vitória na altura onde se achava. Porque não só desfrutava imenso prestígio social [...] mas soubera também fortalecer a sua posição na base sólida do capital e do crédito. Era senhora de peso entre os financeiros da terra: acionista de companhias, proprietária de prédios e terrenos, credora do Tesouro, em conta corrente no London Bank. E tinha no cofre o bastante, e até de sobra, para comprar as fazendas de Pacheco Isidoro e o próprio palácio, se o quisesse. (TÁCITO, 1997, p. 160-161).

O menos evoluído, então, é aquele que se deixa levar à decadência moral e social em contato com o álcool, como ocorre com

³ Essa afirmação de Mangancha diz respeito ao título de sua tese que pretende publicar: “Do Alcoolismo. Adaptação e Seleção na Espécie Humana”, citada no sexto capítulo do romance.

MINGOTTI, R. D.

o Coronel João Batista Pinto Gouveia que, ludibriado por Pommery, seduzido pelas mulheres e pelo champanhe do *Paradis Retrouvé*, obteve um saldo devedor à pensão da protagonista maior do que o dinheiro emprestado a ela para o empreendimento:

[Pinto Gouveia] desceu muito açodado, mastigando a raiva. Foi para casa; e mandou pagar a conta, no outro dia. O seu descanso no Paraíso tinha-lhe durado exatamente dois meses e quatro dias, por 12:914\$400; isto é, 197\$100 por dia, se o cálculo está certo. (TÁCITO, 1997, p. 83).

Essa decadência também é verificada em *L'Assommoir*, no qual a bebida traz resultados arrasadores para a família Coupeau, principalmente para Gervaise, mostrando a degradação da espécie humana. Após o acidente de trabalho, Coupeau, marido de Gervaise, se torna preguiçoso e começa a desenvolver uma sede insaciável pelo licor barato com o qual teve contato. Assim, torna-se alcoólatra e traz desequilíbrios, tanto econômicos quanto psicológicos para sua esposa.

Gervaise, não suportando os acontecimentos e em decorrência de sua tendência genética em relação ao álcool, como retrata Zola, também passa a consumir desregradamente bebidas alcoólicas, em especial, aguardente. Aqui também ocorre uma referência ao naturalista Darwin, tendo em vista a questão da herança genética e a influência do meio histórico e social, sempre abordados pelos escritores do Naturalismo. A partir disso, somos espectadores da decadência da família, do envolvimento com a prostituição e dos delírios psicológicos pelos quais passam. Desta maneira, ao escrever o romance, Zola tinha por objetivos

[retratar] a decadência de Gervaise e de Coupeau, que se arrasta para o ambiente da classe trabalhadora. Explicar os costumes do povo, os vícios, as quedas, a fealdade física e moral, neste ambiente, pela condição feita ao trabalhador em nossa sociedade. (ZOLA apud BECKER, 1972, p. 27, tradução nossa).

De fato, as relações existentes entre *Madame Pommery* e *L'Assommoir* não são tão evidentes a partir de uma leitura superficial das obras. É necessário um olhar mais aguçado para perceber a influência da bebida e de suas consequências para os personagens dos romances.

É preciso ressaltar outras referências que levam os romances a confluências entre si. Algumas dizem respeito ao Naturalismo, a marca de Zola, mas estão presentes nas entrelinhas da narrativa de Hilário Tácito. Gervaise se põe a beber álcool, não só em decorrência do meio e dos problemas que enfrenta com seu marido, mas também por efeito de sua herança genética. Madame Pommery similarmente tem sua herança genética posta em cena, tendo em vista o seu desejo de enriquecer a qualquer custo, assim como tinha seu pai: “A parte do pai, judeu polaco, é bem mais considerável. Transmitiu-lhe o [...] gosto pelas finanças, a cupidez e o faro mercantil.” (TÁCITO, 1997, p. 52). Entretanto, para Gervaise a herança genética mostra uma deficiência de sua família, que a leva à decadência; enquanto Pommery herda a ambição de enriquecer, que a leva a tomar atitudes e caminhos em virtude, somente, de seus interesses.

Uma outra característica importante do Naturalismo, presente em *L'Assommoir* e também no texto de Tácito, é a questão das influências do meio e do momento histórico. De Zola, temos a personagem Gervaise que “não pôde resistir à tentação do álcool” (BECKER, 1972, p. 35, tradução nossa), enquanto no romance *Madame Pommery*, a influência do meio e do momento histórico ocorre devido à criação de Ida Pomerikowski, cujo pai, Ivã Pomerikowski, “prelibava os frutos de um plano sutil, que desde muitos anos vinha chocando a sua mentalidade de judeu e lambeferas” (TÁCITO, 1997, p. 53), ou seja, Ida foi criada pelo pai com o intuito de desvirginá-la a troco de dinheiro:

Tantos cuidados na educação da futura Mme. Pommery não foram empregados de balde, ou simplesmente por afeto paternal. O homem sabia muito bem qual fosse “o preço da virgindade” [...]. Por índole, ou por desengano, Ivã Pomerikowski era contrário

MINGOTTI, R. D.

a casamentos. Por isso, o “dote” foi orçado em nove mil coroas. Pagamento à vista e de uma vez. (TÁCITO, 1997, p. 53).

A filha foi vendida pelo pai para um homem, “estuprador idôneo na pessoa de um ricaço, idoso e mulherengo” (TÁCITO, 1997, p. 53) (comentário ácido do narrador), que aceitou pagar o “dote” para o judeu. Inicia-se aí o ímpeto pela prostituição transmitida a ela pela atitude do pai e de sua preceptora Zoraida, que compactuava com as intenções de Ivã Pomerikowski. E as marcas de Madame Pommery, de mulher astuta e ambiciosa, são mais salientes em posterior momento de sua relação sexual:

À esperta Ida não escaparam, porém, as soturnas maquinações do domador. E [...] entendeu que a ela era devido o preço do diadema virginal; pois era dela, e não do pai. Com esta lógica precoce e grande velhacaria, dispôs as cousas de maneira que ela própria recebeu as nove mil coroas, abotoando-se com o cheque. (TÁCITO, 1997, p. 53).

E Ida Pomerikowski, subornando a preceptora foge juntamente dela e,

na posse das nove mil coroas e do caminho aberto, estreou-se com estrondo na prostituição itinerante. Peregrinou por cidades e nações de toda a Europa, a negociar os beijos e os sorrisos, com a mesma finura e com o mesmo talento que revelara de princípio. (TÁCITO, 1997, p. 54).

Portanto, o meio em que Madame Pommery conviveu contribuiu para seu apego ao dinheiro e à vida de luxúria que levou durante um tempo, até tornar-se mulher da alta sociedade paulistana.

Mas não só isso, Hilário Tácito ainda discute em sua obra a relação do álcool com a prostituição e a luxúria, reafirmando o tom satírico ao sustentar, mais uma vez, seus argumentos em profissionais proeminentes da realidade, como os psiquiatras

Forel, Brown-Séguard, Lombroso *et cetera* [que] unanimemente observam que é o álcool o sustento principal da prostituição e da libertinagem [...]. O que eu queria era mostrar-me admirado da intuição de Mme. Pommery, que neste assunto de álcool e de alcouces, sabia tanto como os sábios e os poetas, e, contudo, nem era sábia, nem poetisa. (TÁCITO, 1997, p. 101).

Considerações finais

Para fins de esclarecimento, é importante frisar que nossa intenção foi de encontrar pontos de contraste e equivalências entre os dois romances, no tocante, principalmente, à temática do álcool, em obras de épocas, nacionalidades e autores distintos.

A diferença entre esses textos se dá, singularmente, por terem sido publicados em épocas literárias diferenciadas e em contextos sócio-históricos longínquos, além de terem sido escritos com intenções divergentes. *L'Assommoir* data de 1877 e representa um projeto contundente de Émile Zola em abordar a sociedade de sua época, o Segundo Império de Napoleão III, ao analisar a família Rougon-Macquart por um viés biológico e psicossocial, apresentando seu romance de tese e sendo um grande nome do Naturalismo. O romance de Tácito, *Madame Pommery*, representa a sociedade paulistana do início do século XX, espaço temporal onde se destacavam as obras do pré-modernismo brasileiro diante da Semana de Arte Moderna de 1922 e que mostra uma nova São Paulo “mutável, ágil, empreendedora” (LEITE, 1996, p. 216).

A correlação entre os romances se dá no momento em que *Madame Pommery* discute temas abordados, de modo geral, pelo Naturalismo de Zola, principalmente nas declarações filosóficas e “científicas” do Dr. Manganha, a respeito do álcool, e de outras menções feitas pelo narrador acerca da bebida, citando, inclusive, *L'Assommoir*:

Reúnem-se congressos, fazem-se discursos furibundos, escrevem-se memórias eruditas contra “o flagelo do alcoolismo”. Na própria literatura, surgem *Assommoir*, *Os Espectros*, *a Alma em Delírio*, como

MINGOTTI, R. D.

exemplos terrificantes aos devotos da garrafeira. (TÁCITO, 1997, p. 103).

Não podemos deixar de lado, também, as questões relativas ao determinismo do meio e do momento histórico e à hereditariedade genética que se manifestam na protagonista do romance, como uma forma, possivelmente, de justificar as ações da senhora Pommery, então reputadas como imorais pela sociedade. Se Ida Pomerikowski lançou mão da luxúria, ganância e prostituição para elevar seu nível social, foi porque possuía heranças genéticas como essas correndo em suas veias e em razão do meio em que fora exposta.

Ainda, podemos afirmar que essa sagacidade de Hilário Tácito em apresentar marcas naturalistas em sua obra é resultado de uma tentativa de desconstruir o trágico presente no romance, por meio da paródia e, inerentemente, da sátira, especialmente em torno de Pommery, para tornar a leitura mais neutra e amena. Essa técnica utilizada pelo autor também se assemelha ao pastiche, que mescla estilos.

Além disso, a tentativa do escritor brasileiro em mostrar as consequências distintas que o álcool traz à sociedade, juntamente da luxúria, aproxima o romance do pertencente à saga de Zola, apontando que o álcool pode levar à degradação moral do homem, mas também ao sucesso financeiro e social, que nesse caso destinou-se à mulher, Madame Pommery.

MINGOTTI, R. D. Paródia, sátira e a presença do álcool em *Madame Pommery*. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 315-334, 2019.

PARODY, SATIRE AND THE PRESENCE OF ALCOHOL IN *MADAME POMMERY*

ABSTRACT: This article aims to investigate the novel *Madame Pommery* (1920), by Hilário Tácito, in order to elucidate its characteristics concerning parody and satire, relating it to *L'Assommoir* (1877), novel by Émile Zola, with which it is possible observe confluences in the theme of alcoholism and the consequences generated by it. Therefore, a comparative work was

been established to identify how the presence of alcohol affects the characters in the novels, positively or negatively.

KEYWORDS: Comparative Literature; Émile Zola; Hilário Tácito; Alcoholism; Parody.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, C. L.; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. Edição compacta. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- BARRETO, L. *Madame Pommery*. In: RESENDE, B. (org.). *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- BECKER, C. *L'Assommoir: Zola*. Paris: Hatier, 1972.
- CARDOSO, Z. L. V. A. *O Romance Paulista no século XX*. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1983.
- FERREIRA, S. A. *Entre a biblioteca e o bordel: a sátira narrativa de Hilário Tácito*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LEITE, S. H. T. A. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1996.
- RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1900-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & cia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- TÁCITO, H. *Madame Pommery*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.
- ZOLA, E. *A Taberna*. Tradução anônima. São Paulo: Editorial Paulista, 1933. 2 v.
- ZOLA, E. *L'Assommoir: extraits*. Paris: Librairie Larousse, 1986.